

DA CAÇA À COMPANHIA: REPENSANDO A NARRATIVA DA RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL E COMO ISSO MOLDOU A INDÚSTRIA PET FOOD

Pietro Ragozzino Paulino¹
Jorge Eduardo de Souza Sarkis²

RESUMO

Neste artigo discute-se a origem dos cães e gatos e os processos envolvidos em sua domesticação, evidenciando como a alimentação desempenhou um papel crucial ao longo da história dessas espécies. Aliado a isso, discute-se a evolução da relação entre a humanidade e os pets, analisando os fatores que contribuíram para a sua transição de animais utilitários para apoio emocional aos seres humanos. O surgimento da indústria de alimentos para animais de companhia foi impulsionado pela necessidade em fornecer produtos estáveis e de maior qualidade, adaptando-se e crescendo juntamente a inclusão dessas espécies como membros da família. Atualmente, o ramo pet food representa aproximadamente 80% do faturamento da indústria pet no Brasil, que somou cerca de 41,96 bilhões de reais somente em 2022. Este expressivo crescimento vai de comum acordo com o interesse progressivo por parte dos tutores em oferecer opções mais saudáveis e alternativas de alimento para seus animais, o que entende-se como um reflexo da maior relevância que estes ocupam atualmente na sociedade. Dessa forma, realizou-se uma revisão da literatura de modo a obter-se uma síntese de artigos científicos que elucidem a reconstrução da narrativa da relação humano-animal e como isso moldou o surgimento e expansão da indústria Pet Food.

Palavras-chave: Origem animal, domesticação, cães, gatos, pet food

FROM HUNT TO COMPANION: RETHINKING THE NARRATIVE OF THE HUMAN-ANIMAL RELATIONSHIP AND HOW IT SHAPED THE PET FOOD INDUSTRY

ABSTRACT

In this article, we discuss the origin of dogs and cats and the processes involved in their domestication, highlighting how nutrition has played a crucial role throughout the history of these species. Additionally, we explore the evolution of the relationship between humanity and pets, analyzing the factors that contributed to their transition from utilitarian animals to emotional support for humans. The emergence of the pet food industry was driven by the need to provide stable and higher-quality products, adapting and growing alongside the inclusion of these species as family members. Currently, the pet food sector represents approximately 80% of the pet industry's revenue in Brazil, totaling around BRL 41.96 billion in 2022 alone. This significant growth aligns with the progressive interest of pet owners in offering healthier and alternative food options for their animals, reflecting the increased importance these pets hold in society today. Thus, a literature review was conducted to synthesize scientific articles that elucidate the reconstruction of the human-animal relationship narrative and how it shaped the emergence and expansion of the Pet Food industry.

Keywords: Animal origin, domestication, dogs, cats, pet food

¹ Discente do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares / CNEN / USP. *Correspondência: pietroragozzino01@usp.br

² Discente do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares / CNEN / USP. *Correspondência: jesarkis@ipen.br

DE LA CAZA AL COMPAÑERO: REPENSAR LA NARRATIVA DE LA RELACIÓN HUMANO-ANIMAL Y CÓMO DIO FORMA A LA INDUSTRIA PET FOOD

RESUMEN

En este artículo, se discute el origen de perros y gatos y los procesos involucrados en su domesticación, destacando cómo la alimentación ha desempeñado un papel crucial a lo largo de la historia de estas especies. Además, exploramos la evolución de la relación entre la humanidad y las mascotas, analizando los factores que contribuyeron a su transición de animales utilitarios a apoyo emocional para los seres humanos. El surgimiento de la industria pet food fue impulsado por la necesidad de proporcionar productos estables y de mayor calidad, adaptándose y creciendo junto con la inclusión de estas especies como miembros de la familia. Actualmente, el sector de alimentos para mascotas representa aproximadamente el 80% de los ingresos de la industria de mascotas en Brasil, totalizando alrededor de 41.96 mil millones de reales solo en 2022. Este crecimiento significativo se alinea con el interés progresivo de los dueños de mascotas en ofrecer opciones de alimentos más saludables y alternativas para sus animales, reflejando la mayor relevancia que estas mascotas tienen en la sociedad actual. Así, se realizó una revisión de la literatura para obtener una síntesis de artículos científicos que aclaren la reconstrucción de la narrativa de la relación humano-animal y cómo esto moldeó el surgimiento y expansión de la industria Pet Food.

Palabras clave: Origen animal, domesticación, perros, gatos, pet food

INTRODUÇÃO

A evolução da relação entre cães, gatos e seres humanos configura um fascinante campo de estudo que passou por constantes reavaliações ao longo dos tempos. Antigas suposições existentes sobre a origem dessa convivência provaram-se contrárias, sublinhando a necessidade de uma compreensão mais profunda sobre os processos de domesticação, bem como sobre os elementos que moldaram as relações entre essas espécies e a humanidade no decorrer da história.

A convivência entre cães e seres humanos é datada de mais de cem mil anos¹, corroborando com circunstâncias que apontam o ancestral do cão doméstico como o primeiro a ser domesticado pelo homem². Acredita-se que tal fato ocorreu devido ao surgimento de ganhos mútuos entre as espécies, onde o alimento desempenhou um papel crucial no estreitamento dessa relação. De forma simultânea, os cães passaram a exercer atividades laborais que os englobaram na estrutura social dos humanos, culminando com sua progressiva inclusão no âmbito familiar³.

Por outro lado, evidências arqueológicas mais recentes que atestam a coexistência entre humanos e felinos datam de aproximadamente dez mil anos, durante períodos em que a humanidade adotou estilos de vida mais voltados a agricultura⁴⁻⁵. No mais, a aproximação dos gatos com o homem também esteve fortemente ligada ao alimento e ao surgimento de relações mutualísticas entre as espécies, uma vez que a atividade predatória exercida pelos felinos em roedores que se alimentavam dos estoques de grãos indicavam que sua presença era vantajosa aos agricultores⁵.

Portanto, este artigo propõe analisar mais profundamente os processos envolvidos na domesticação de cães e gatos, destacando a importância da alimentação neste contexto histórico. Para alcançar este objetivo, uma abrangente revisão bibliográfica foi realizada, compilando importantes informações sobre a evolução da relação humano-animal ao longo da história. Ao compreender os mecanismos e motivações envolvidos na domesticação dessas

espécies, visamos não apenas ampliar os conhecimentos relacionados às suas origens, mas também evidenciar a crucial influência da alimentação no estreitamento dessas interações e sua contribuição no surgimento da indústria Pet Food.

MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se uma revisão da literatura de modo a obter-se uma síntese de artigos científicos que compreendem períodos anteriores à pesquisa. Os artigos incluídos foram obtidos nas plataformas: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubVet, Elsevier e ResearchGate, onde foi possível acessar às bases de dados utilizados. Os títulos de assuntos, termos livres e palavras-chave utilizadas foram: “relação humano-animal”, “indústria pet food”, “origem”; “cães”, “gatos”, “mercado pet food”. Quanto aos critérios de inclusão foram selecionados artigos com base em: Idioma (português, inglês e espanhol); Disponibilidade (texto integral), todo o tipo de artigos e livros. Além disso, foram também consideradas as referências desses artigos ou livros.

Mudanças nas perspectivas sobre a origem dos animais de estimação

Segundo Freedman *et al.*⁶, uma reavaliação a respeito da origem dos cães e de sua relação com o homem se faz necessária. Isso ocorre, pois antigas suposições de que o início da dinâmica entre esses animais e humanos estivesse associado à agricultura provaram-se contrárias. Achados arqueológicos mostram que a provável domesticação dos canídeos ocorreu enquanto os seres humanos eram caçadores e coletores. Essa descoberta, somada ao sequenciamento genético de raças ancestrais (Basenji e Dingo) demonstra que o cão atual (*Canis lupus familiaris*) não descende do lobo cinzento (*Canis lupus*) e que o mesmo é, na realidade, originário de um grupo irmão, compartilhando o mesmo ancestral. Larson *et al.*⁷ ainda afirma que a domesticação deste ancestral ocorreu devido ao surgimento de um mutualismo entre as espécies, onde estes animais se aproximaram por conta própria de acampamentos humanos. Com o estabelecimento de um processo de ganhos bilaterais, houve um estreitamento da relação entre o homem e o precursor do cão doméstico.

Hipóteses elaboradas por Clutton-Brock⁸ e Cohn¹² demonstram que o valor da domesticação de um canídeo está diretamente ligada ao potencial deste em auxiliar na caça de grandes presas ou de atuar como guardas. Lobos apresentam extrema dificuldade em serem condicionados a inibir determinados comportamentos inerentes a sua espécie e portanto, estariam mais propensos a impedir a caça de seres humanos à auxiliá-los¹³⁻¹⁵. Além disso, lobos são animais extremamente possessivos com o alimento e caso garantissem a presa, seria mais provável que os humanos tivessem que lutar para ter acesso a comida¹⁶. Uma comparação direta pode ser feita com a utilização da raça Dingo por aborígenes australianos na caça de pequenas presas, mas que era impedida de participar da caça de cangurus, uma vez que os Dingos afugentavam o marsupial¹⁷. Dessa forma, se lobos não eram úteis na caça de grandes presas e pequenos canídeos mostravam-se extremamente eficientes na caça de presas menores, não haveria sentido na insistência da domesticação da espécie¹⁶.

A suposição de que lobos serviam como guardas das populações humanas da época também provaram-se contrárias. Estudos comportamentais demonstram que todas as espécies selvagens de caninos não eram eficientes na atividade de guarda, não defendendo nem sua prole caso sua própria sobrevivência estivesse em risco^{16,18}. Além disso, também havia a hipótese de que lobos poderiam alertar os humanos de algum possível perigo na região, entretanto, tal comportamento também é observado em outras espécies de canídeos¹⁹. Tais questões, só reforçam a afirmação de que não havia nenhuma vantagem na sua domesticação.

No tocante aos felinos, Robinson²⁰ relata que a exata origem da domesticação dos gatos ainda é desconhecida. A hipótese mais conhecida é a de que os gatos foram domesticados durante o estabelecimento da população humana no Crescente Fértil do Oriente Médio. Entretanto, hipóteses mais recentes sugerem que a domesticação do felino ocorreu em locais distintos, gerando uma raça diversa. Acreditava-se que todas as variedades de gatos existentes descendiam de uma única espécie (*Felis silvestris*). Porém, essa espécie estava distribuída em diversas populações, ocupando regiões que se estendem da Escócia à África do Sul e da Espanha à Mongólia, não sendo possível determinar com precisão quais dessas populações de gatos selvagens que originaram o atual gato doméstico (*Felis silvestris catus*)²¹.

Propondo-se a estudar essa questão, Driscoll *et al.*²² coletou amostras de DNA de gatos selvagens e domésticos de diversas localizações geográficas. Na análise genética realizada, os autores puderam concluir que o DNA coletado dos gatos selvagens (*Felis silvestris lybica*) nos desertos de Israel, Emirados Árabes e Arábia Saudita eram praticamente idênticos ao DNA dos gatos domésticos. Isso sugere que a hipótese mais conhecida a respeito da origem da espécie é a mais próxima da verdade. Ademais, o estreitamento da relação entre gatos e seres humanos ocorreu devido a criação de um ambiente totalmente favorável para a sobrevivência do camundongo doméstico (*Mus musculus domesticus*), que se proliferou nos armazéns, devastando estoques de grãos selvagens. Esses camundongos acabaram por atrair os gatos, servindo de fonte de alimento e contribuindo para sua adaptação à vida junto aos seres humanos²¹.

É possível compreender que os animais de estimação convivem com a humanidade há séculos, construindo e estabelecendo uma relação harmoniosa que deriva do encantamento com a docilidade e obediência dos mesmos. Atualmente, os agora chamados “pets” conquistaram seu lugar como parte da família, saindo dos quintais das casas, para agora os sofás e camas de seus tutores²³. Ademais, o afeto do ser humano para com os animais domésticos, bem como o estreitamento dessa relação é demonstrado por gestos de carinho e a alimentação ocupou e ainda ocupa um papel crucial nessa aproximação²⁴⁻²⁶.

A transformação da alimentação de cães e gatos ao longo de sua domesticação

Seres humanos e animais domésticos apresentam uma longa história de interações e como resultado disto, houve um crescente interesse em suas necessidades nutricionais²⁷. Registros a respeito das primeiras considerações sobre como melhorar a alimentação de cães datam de 2.000 a.C. Neste período, o poeta e filósofo Marcus Terentius Varro publicou em seu almanaque sobre agricultura, receitas para cães baseadas em carne e ossos, além de também aconselhar o fornecimento de pão embebido em leite²⁸. Durante a segunda metade do século XIV, Gastão III, o décimo primeiro conde e soberano de Foix, na França, escreveu um livro chamado “O livro da caça”, onde teceu comentários sobre os cuidados que tinha com seus Galgos ingleses. O nobre afirmava em sua obra que incluía farelo de pão junto de um pouco de carne proveniente de alguma caça recente. Caso o animal estivesse doente, também lhe era fornecido leite de cabra, caldo de feijão, carne picada e ovos com manteiga²⁹.

No passado, era muito comum que o ser humano cultivasse sua própria comida e como mencionado anteriormente, os gatos eram considerados um ativo de extrema importância para a maioria das moradias. Eles mantinham roedores e outros pequenos invasores longe dos estoques de comida e dessa forma, sua nutrição era basicamente composta por estes animais. Posteriormente, surgiram aqueles que alegavam que alimentar os gatos os encorajava a cuidar da casa com mais afinco e a se dedicar mais à caça, que era realizada por instinto e não por fome³⁰.

Entretanto, pode ser observado que até a segunda metade do século XIX a alimentação destes animais consistia naquilo que seus donos conseguiam poupar de sua própria dieta, tal

como cartilagem de ossos, batatas, repolhos, cebolas e migalhas de pão. Foi somente a partir da metade de 1800, com o surgimento da Revolução Industrial, que a humanidade passou a reconhecer os benefícios em manter cães e gatos como animais domésticos e conseqüentemente, a se importar mais com sua nutrição.

A evolução da interação humano-animal

Como descrito anteriormente, foi apenas a partir do século XIX, com o surgimento dos grandes assentamentos da humanidade, que foi possível observar uma transformação na relação entre os seres humanos e cães e gatos. Este processo está relacionado a fatores socioeconômicos e culturais, que moldaram a percepção e a integração destes animais na sociedade humana. Dessa maneira, à medida em que houve um desenvolvimento da vida urbana, também houve uma mudança nas necessidades do ser humano e a busca por conforto e companhia tornou-se cada vez mais importante. Neste contexto, cães e gatos passaram a desempenhar um papel mais relevante, deixando de serem usados para fins utilitários para preencherem a busca humana por afeto³¹.

Não obstante, todo o processo de urbanização e concentração populacional que decorreram dos adventos da Revolução Industrial, resultaram num maior isolamento social³²⁻³³. Tal fator, somado a ascensão do movimento romântico, onde havia uma explícita ênfase sobre a importância das emoções e vínculos afetivos, tornaram a companhia de cães e gatos ainda mais valorizada. Com o tempo, estes animais passaram a integrar as famílias e a receber atenção e cuidados semelhantes aos destinados aos membros humanos, tornando-se uma espécie de apoio emocional para os seres humanos.

Embora os termos “animal doméstico” e “animal de companhia” possam apresentar a mesma definição, a intercambialidade entre os conceitos pode ser interpretada de formas distintas. Ao realizar uma análise mais sociológica da questão, pode-se argumentar que o termo “animal doméstico” refere-se a qualquer animal que é mantido em um ambiente doméstico, não vinculando, necessariamente, o papel deste como companhia. Neste caso, animais tais como bovinos, equinos, ovinos e afins, são considerados animais domésticos, mas são mantidos, em sua maioria, para outros propósitos além da companhia ao ser humano. Entretanto, quando considera-se o termo “animal de companhia”, a função associada é aquela cujo foco principal é o emocional e afetivo. Neste caso, os animais são considerados membros da família e são valorizados pelo apoio e alegria que proporcionam aos seus tutores.

O surgimento da indústria pet food

O primeiro produto comercial para pets surgiu somente em 1860, na Inglaterra, quando o eletricitista americano James Spratt notou cães se alimentando de restos de biscoitos secos, comumente consumidos por marinheiros durante longas viagens. Estes biscoitos eram compostos basicamente por água, farinha e sal e apresentavam elevado tempo de vida de prateleira. Tal observação levou Spratt a pensar que os pets também necessitavam de produtos alimentícios que fossem mais estáveis e não se deteriorassem rapidamente. Dessa maneira, o antes eletricitista foi então responsável por criar o primeiro alimento específico para cães, chamado de “Spratt’s Meat Fibrine Dog Cakes”. O produto era composto por um blend de trigo, vegetais, beterraba e carne. Apesar do preço elevado (equivalente a um dia de trabalho de um artesão da época) e da falta de transparência a respeito das fontes de carne utilizadas, os petiscos de Spratt se tornaram um grande sucesso e marcaram o ponto de início da indústria Pet Food³⁴⁻³⁵.

Somada às carnes de carneiro e de peixe, a carne de cavalo também era comumente oferecida a gatos. Tal prática era muito comum na época, visto que cavalos eram rotineiramente

levados a óbito devido a exaustão de trabalho e sua carne era aproveitada para consumo. Neste período, conselhos sobre cuidados com a alimentação e pelagem de gatos eram facilmente encontrados em colunas de jornais, que alertavam sobre a tendência laxativa da carne de cavalo, da essencialidade do leite na dieta e da necessidade de eventuais banhos nos animais³⁶⁻³⁷.

No início de 1900, o mercado para animais de estimação e sua conveniência, atrelada ao grande potencial de crescimento e retorno financeiro, levou os irmãos Chappel e Rockford a produzirem o primeiro alimento enlatado para cães. O produto chamado de “Ken-L Ration”, tinha como matéria prima principal a carne de cavalo, ainda considerada uma fonte de ingrediente aceitável na época. A utilização da carne de cavalo para a confecção de alimentos destinados a pets tornou-se uma grande potência e, por volta de 1941, a espécie estava sendo criada especificamente para a alimentação de cães e gatos²⁹.

Durante os adventos da Segunda Guerra Mundial, a criação de cavalos para abate e a produção de estanho (utilizado para a confecção de latas para alimentos) passaram a ser racionados. Os petiscos foram classificados como elementos “não essenciais”, conduzindo a indústria para a criação de novos métodos que garantissem uma vida de prateleira mais longa e que levassem menos carne e estanho^{35,29}. Em 1956, o primeiro kibble foi criado e estabelecido como líder no quesito de opções Pet Food, fazendo com que os alimentos secos eventualmente substituíssem os biscoitos assados que eram produzidos até então³⁸.

A evolução da indústria pet food: de restos de comida a dietas prescritas

A partir de 1960, foi possível observar um crescimento da população de animais de estimação. De acordo com Kelly³⁹, o mercado de alimentos para pets se adaptou e cresceu juntamente a inclusão destes como membros da família e a resposta a este fenômeno ocorreu de algumas maneiras distintas. Em 1964, as empresas passaram a avançar nas técnicas de marketing de seus produtos, de modo a convencer os tutores dos animais de que as dietas comerciais eram nutricionalmente superiores aos restos de comida.

Tal técnica ganhou mais força por volta de 1976, quando a empresa Hill's® foi comprada pela Colgate Palmolive®, que passou a implementar a mesma estratégia usada no marketing das pastas de dente. Ao atrelar a eficácia do produto com a recomendação de profissionais, a empresa observou um aumento expressivo em seus lucros. Dessa forma, esforços foram destinados para obter o apoio da classe veterinária, que passou a recomendar tais produtos a seus pacientes. Parte da mensagem contida nesse tipo de marketing era a de que a confecção de alimentos para pets era uma questão muito complicada e seria melhor que fosse deixada para profissionais a decisão do que fornecer aos animais^{39,34}.

Dados do mercado pet food atual

Todas as estratégias empregadas no setor de alimentos para pets contribuíram para um crescimento exponencial do mercado Pet Food em todo o mundo e, especialmente, no Brasil. A população brasileira de animais de estimação soma aproximadamente 167,6 milhões e deste total, por volta de 67,8 milhões são compostos por cães e 33,6 milhões compostos por gatos. Neste cenário, o Brasil configura o 2º maior mercado mundial em números absolutos de cães e gatos e o 2º maior produtor de rações para animais de estimação. Acompanhando essa tendência, o ramo Pet Food apresentou um crescimento médio de 18,3% entre 2021 e 2022, representando 80% do faturamento da indústria pet no país, que somou cerca de 41,96 bilhões de reais somente no ano de 2022 (Tabela 1). Neste mesmo ano, o faturamento mundial da indústria pet foi de aproximadamente 149,8 bilhões de dólares, apresentando um crescimento de 5,4% entre 2021 e 2022. Nomes como os Estados Unidos, China, Reino Unido e Brasil representam alguns dos países com o maior faturamento do mercado⁴⁰⁻⁴¹ (Tabela 2).

Tabela 1. Faturamento da indústria pet no Brasil

Segmento	2021	2022	Crescimento médio 2021/2022
Pet Vet*	14%	14%	12%
Pet Care**	7%	6%	16,5%
Pet Food	79%	80%	18,3%
TOTAL (em bilhões de reais)	35,8	41,96	-

(*): Segmento que compreende indústrias e integrantes da cadeia de distribuição de medicamentos e serviços veterinários. (**): Segmento que compreende os produtos de cuidados para pets, tais como equipamentos, acessórios, higiene e beleza. Fonte: Elaborado pelo autor

Tabela 2. Faturamento mundial da indústria pet

País	2021	2022
Estados Unidos	44,8%	43,78%
China	9%	8,7%
Brasil	4,5%	4,95%
Alemanha	4,6%	4,6%
Reino Unido	4,6%	4,6%
Japão	4,5%	4,6%
França	4,2%	4,0%
TOTAL (em bilhões de dólares)	139,2	149,8

Fonte: Elaborado pelo autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria Pet Food vem apresentando diversas mudanças que são moldadas de acordo com a evolução da interação humano-animal e o crescimento da demanda por produtos de maior variedade e qualidade. O expressivo aumento da população de pets pode ser encarado como um reflexo da sua transição de animais utilitários, para apoio emocional aos seres humanos, resultando numa maior necessidade de investir em pesquisas e inovações voltadas para este mercado. Ao longo dos anos, diversos avanços puderam ser observados no campo da nutrição voltada para estes animais. Entretanto, muitos desafios ainda deverão ser enfrentados pela indústria, visto o surgimento de uma maior busca por alimentos alternativos, dietas personalizadas e opções mais sustentáveis que conjecturem com as novas tendências do mercado de alimentos para animais de estimação.

REFERÊNCIAS

1. Heiden JS, Santos W. Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos. *Agora Rev Divulg Cient.* 2009;16(2A):487-96.
2. Magnabosco C. População domiciliada de cães e gatos em São Paulo: perfil obtido através de um inquérito domiciliar multicêntrico [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2006.
3. Delarissa FA. Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal [dissertação]. Assis (SP): Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita; 2003.

4. Vigne JD, Guilaine J, Debue K, Haye L, Gérard P. Early taming of the cat in Cyprus. *Science*. 2004;304(5668):259.
5. Hu Y, Hu S, Wang W, Wu X, Marshall FB, Chen X, et al. Earliest evidence for commensal processes of cat domestication. *Proc Natl Acad Sci U S A*. 2014;111(1):116-20.
6. Freedman AH, Gronau I, Schweizer RM, Ortega-Del Vecchyo D, Han E, Silva PM, et al. Genome sequencing highlights the dynamic early history of dogs. *PLoS Genet*. 2014;10(1):e1004016. doi: 10.1371/journal.pgen.1004016.
7. Larson G, Karlsson EK, Perri A, Webster MT, Ho SYW, Peters J, et al. Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. *Proc Natl Acad Sci U S A*. 2012;109(23):8878-83. doi: 10.1073/pnas.1203005109.
8. Clutton-Brock J. Man-made dogs. *Science*. 1977;197:1340-2. doi: 10.1126/science.197.4311.1340.
9. Clutton-Brock J. Origins of the Dog: domestication and early history. In: Serpell J, editor. *The domestic dog: its evolution, behavior and interactions with people*. New York: Cambridge University Press; 1995. p. 7-20. doi: 10.2752/089279302786992595.
10. Olsen SJ. *Origins of the domestic dog: the fossil record*. Tucson: University of Arizona Press; 1985.
11. Wayne RK. Cranial morphology of domestic and wild canids: the influence of development on morphological change. *Evolution*. 1986;40(2):243-61. doi: 10.1111/j.1558-5646.1986.tb00467.x.
12. Cohn J. How wild wolves became domestic dogs. *BioScience*. 1997;47(11):725-8. doi: 10.2752/089279302786992595.
13. Fox MW. Origin of the dog and effects of domestication. *AKC Gazette*. 1973;90(7):33-5.
14. Frank F, Frank MG. Inhibition training in wolves and dogs. *Behav Processes*. 1983;8(4):363-77. doi: 10.1016/0376-6357(83)90024-4.
15. Frank F, Frank M. The University of Michigan canine information-processing project (1979-1981). In: Frank H, editor. *Man and wolf*. Dordrecht: Dr. W. Junk Publishers; 1987. p. 143-67.
16. Koler-Matznick J. The origin of the dog revisited. *Anthrozoos*. 2002;15(2):98-118. doi: 10.2752/089279302786992595.
17. Meggitt MJ. The association between Australian aborigines and dingoes. In: Leeds A, Vayda AP, editors. *Man, culture and animals*. Washington, DC: American Association for the Advancement of Science; 1965. p. 7-26.
18. Manwell C, Baker CM. Domestication of the dog: hunter, food, bed-warmer, or emotional object? *J Anim Breed Genet*. 1984;101(4):241-56. doi: 10.1111/j.1439-0388.1984.tb00043.x.

19. Coe S. The basenji, out of Africa to you. Wilsonville: Doral Publishers; 1994.
20. Robinson R. Cat. In: Mason L, editor. Evolution of domesticated animals. London: Longman; 1984. p. 217-25.
21. Driscoll CA, Clutton-Brock J, Kitchener AC, O'Brien SJ. A longa e (incompleta) domesticação do gato. *Sci Am*. 2009.
22. Driscoll CA, Menotti-Raymond M, Roca AL, Hupe K, Johnson WE, Geffen E, et al. The Near Eastern origin of cat domestication. *Science*. 2007;317(5837):519-23. doi: 10.1126/science.1139518.
23. Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo. Dos quintais para os corações. Informativo nº 60, ano XXII; 2015 [Internet]. São Paulo: CRMV; 2015 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://crmvsp.gov.br/lg-ano/2015>. Acesso em: 10 Set 2023.
24. Dal-Farra R. Representações de animal na contemporaneidade: uma análise na mídia impressa [tese] [Internet]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2003 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/256249>. Acesso em: 10 Set 2023.
25. Yabiku RM. Animais de estimação: lucros estimados [Internet]. São Paulo: Revista Cães e Gatos; 2005 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <http://bichoonline.com.br>. Acesso em: 10 Set 2023.
26. Mazon MS, Moura WG. Cachorros e humanos: mercado de rações pet em perspectiva sociológica. *Civitas Rev Cienc Soc*. 2017;17(1):138-58. doi: 10.15448/1984-7289.2017.1.25292.
27. Pet Food Institute. The evolving history of pets' diets [Internet]. Washington, DC: Pet Food Institute; 2016 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://www.petfoodinstitute.org/blog/evolving-history-pets-diets>. Acesso em: 10 Set 2023.
28. Cato, Varro. On agriculture. Translated by W. D. Hooper, Harrison Boyd Ash. Loeb Classical Library 283. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1934. Book II.
29. Canine Care. Evolution of dog food [Internet]. San Diego: Real Dog Box; 2023 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://canine.care/nutrition/evolution-of-dog-food>. Acesso em: 10 Set 2023.
30. CPC Cares. The history of cat food and the evolution of cat food industry [Internet]. Bristol: CPC Cares; 2020 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://www.cpccares.com/blog/the-history-of-cat-food>. Acesso em: 10 Set 2023.
31. Penteado MAB. Investigações sobre a relação entre o ser humano e os cães no mundo contemporâneo: a memória do ethos [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2021.

32. Baldin D. Histoire des animaux domestiques: XIXe-XXe siècle. Paris: Éditions du Seuil; 2014.
33. Beaver BV. Comportamento felino: um guia para veterinários. São Paulo: Roca; 2005.
34. Gates M. A brief history of commercial pet food [Internet]. Springboro: Hare Today; 2009 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://hare-today.com>. Acesso em: 10 Set 2023.
35. The Farmer's Dog. The history of commercial pet food: a great american marketing story [Internet]. 2017 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://www.thefarmersdog.com>. Acesso em: 10 Set 2023.
36. The New York Times. Caring for cats. 1883.
37. Lloyd's Weekly Newspaper. Home pets. 1895.
38. Mathias C. Extrusão: a história. Rev Pet Food Brasil. 2009;(3):29 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://nutricao.vet.br/arquivos/15749800560.pdf>. Acesso em: 10 Set 2023.
39. Kelly RE. Feeding the modern dog: an examination of the history of the commercial dog food industry and popular perceptions of canine dietary patterns. East Lansing: Michigan State University; 2012.
40. Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. Manual Pet Food Brasil [Internet]. São Paulo: ABINPET; 2022 [citado 14 Ago 2024] Disponível em: <https://abinpet.org.br/manual-pet-food-brasil-11-edicao/>. Acesso em: 10 Set 2023.
41. Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. Dados de Mercado [Internet]. São Paulo: ABINPET; 2023 [citado 14 Ago 2024]. Disponível em: <https://abinpet.org.br/dados-de-mercado>. Acesso em: 10 Set 2023.

Recebido em: 19/07/2024

Aceito em: 14/08/2024